

ENTRE ARTE E HISTÓRIA: UMA OBRA DE ARTE E A MUDANÇA HISTORIOGRÁFICA DO FINAL DO SÉCULO XX

DIANA SILVEIRA DE ALMEIDA¹; LARISSA PATRON CHAVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – dianasilveira_13@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – larissapatron@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No dia 15 de fevereiro de 1979, um artista e teórico da arte realizou uma ação com um importante significado. Em meio à sua performance, Hervé Fischer declarou naquele dia que “(...) a História da Arte como última criação dessa cronologia asmática está encerrada” (BELTING, 2012, pg. 206). O autor nomeou o ato como *L’histoire de l’art est termineé*, que seria a afirmação artística do fim da era da história da arte (FISCHER, 1981). Para melhor embasá-la, no ano de 1981 Fischer publicou um livro com o mesmo nome no qual estão expostos os porquês da performance, o que ela representa e o que ela critica.

Desde o começo do século XX a arte estava vivendo um período vanguardista, onde obras e profissionais da arte se viam presos às narrativas e/ou estilos, que ditavam o “como fazer”. Segundo Hans Belting, “(...) no par conceitual “História” e “estilo” é dada a conhecer a verdadeira fisionomia da modernidade, à qual hoje se repreende por ter possuído uma imagem unilateral da história e uma vontade de estilo tirânica que não podia ser contestada.” (BELTING, 2006, pg. 64). O autor compreende que o período moderno da arte é norteado por um sistema, construído pelo estilo e postulado pela história da arte. No entanto, os últimos anos do século XX, período em que foi realizada *L’histoire de l’art est termineé* – bem como o período em que Hervé Fischer tem uma larga produção teórica/artística–, estão mergulhados em um contexto onde questões denominadas de “pós-modernas” estavam em voga.

Em meados da década de 60, a ideia de pós-modernidade começa a aflorar nos mais diversos ramos do saber. Por pós-modernidade é possível compreender o lugar onde se trabalham as diferenças e as rupturas práticas e teóricas. Ela entra aqui como pano de fundo da discussão proposta pelo artista, já que dentre outras questões, irá trabalhar com a natureza dos discursos e com as ficções presentes nas narrativas, sejam ela históricas ou não (HUTCHEON, 1991).

Este trabalho pretende portanto, compreender os porquês da afirmação de Hervé Fischer, através do momento histórico-conceitual em que a performance fora realizada. Através da conexão entre os pontos de vista historiográficos e artísticos, pretende-se trabalhar com autores e teorias de ambas as áreas para ser possível alcançar um entendimento mais completo de todos os aspectos desta ação.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para esta pesquisa é a análise historiográfica. Esta dedica-se à pensar questões referentes ao discurso histórico, narrativas e teorias historiográficas do período abordado. Aqui a principal fonte é o livro publicado por Fischer em 1981 pela editora Baland de Paris. Através da revisão bibliográfica da obra, os dados encontrados são analisados e comparados com outras fontes. Para pensar melhor a performance artística, e compreender os pensamentos de

Fischer, o site profissional do autor aparece como um aporte para obtenção de informações referentes ao tema.

O intuito de tal análise é o de compreender: o contexto histórico e artístico em que o autor estava inserido; e quais as críticas e resultados alcançados por Hervé Fischer naquele momento histórico.

Para o cruzamento das informações obtidas por diferentes campos do saber, é utilizada uma perspectiva conhecida como História Cruzada. Representada pela ideia da cruz, a metodologia de história cruzada permite um ponto de intersecção entre diferentes acontecimentos, entendendo que os fatos estão sempre influenciados por outros fatos. Deste modo o método corrobora com a construção de histórias múltiplas e plurais, relacionando diferentes aspectos e saberes (ZIMMERMANN e WERNER, 2003).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma análise do livro de Hervé Fischer, percebe-se que a crítica levantada pela sua ação é uma aversão ao modo como a arte e sua história tem sido produzidas. Há uma colocação do autor que afirma que os artistas da vanguarda tornaram-se o seu próprio público (FISCHER, 1981).

Ao compreender que o autor estava envolvido em um contexto social, político, ideológico e artístico, pode ser estabelecida uma ligação entre a percepção de Fischer e as teorias pós-modernas. Seria um grande erro pensar que somente fatos artísticos podem ter auxiliado na construção da ideia de fim da história da arte postulada pelo autor. A influência de outras áreas certamente auxiliaram que o autor chegasse às suas conclusões.

No que compete ao campo da História, a modernidade foi palco de uma larga produção do que hoje chamamos de narrativas-mestras (também presentes na historiografia da arte), escritas por “grandes autores” que seriam aqueles capazes de encerrar um debate, estabelecendo a *verdade*, um conhecimento objetivo e inquestionável (VASCONCELOS, 2005, pg. 86). A condição pós moderna por sua vez, entende que as criações humanas são induzidas por questionamentos pessoais, de modo que todas as práticas culturais têm um subtexto ideológico que determina as condições da própria possibilidade de sua produção ou de seu sentido (HUTCHEON, 1991, pg. 15).

Portanto, a pós-modernidade questiona o que já se tem como verdade. As definições são colocadas em xeque, de modo a serem re-significadas. Entende-se como uma renovação do saber científico, que necessita ser re-adequado aos novos parâmetros. Assim as fronteiras se confundem, e a generalização já não é considerada um modo eficaz de compreender a sociedade.

Em meio a este campo conceitual, Hervé Fischer irá entender que a História realizada na Modernidade (tanto na História da Arte quanto na História Geral) procurava secularizar aquela formas e momentos específicos e isolados. Acredita ainda que o artista deveria se encaixar em uma narrativa criada pela História para ser reconhecido, de modo que a arte perde sua verdadeira função.

O autor é um dos primeiros a perceber que a procura pela inovação das vanguardas afasta o público desavisado da arte. Para ele, era inevitável que essa vontade exaustiva do “novo” deveria ser abandonada para se manter viva a atividade artística.

Fischer acredita que o problema não está na arte em si, mas sim na ideia e no poder do mercado, que usurpa os artistas e induz à criação de obras que são feitas com fins comerciais. Estas por sua vez, eram legitimadas pela escrita histórica e crítica da Arte. A maneira que as vanguardas artísticas seguiam o seu

curso, voltadas para o experimentalismo artístico e determinadas pelo que escrito sobre elas, impede a realização de uma arte que seja fundamentada com as questões sociais do tempo presente. O autor cria então uma teoria sociológica da arte, que diz que a verdadeira função da arte é a preocupação com o meio. Ou seja, a produção da obra de arte deveria ser um fruto das reflexões que o artista tem acerca das implicações sociais.

4. CONCLUSÕES

Esta proposta do fim da história da arte influenciou outros teóricos, em questão de pouco tempo. O historiador da arte alemão Hans Belting publicou em 1983 o livro *Das Ende der Kunstgeschichte* ("A história da arte terminou?"). Em 1984 o filósofo americano Arthur Danto publicou um artigo denominado *The End of Art* ("O fim da arte").

Esta pesquisa percebe que a perspectiva iniciada pela performance de Fischer em 1979 implica em um novo pensamento acerca da historiografia da arte. Coloca em xeque o momento artístico em que ocorreu: a modernidade. O autor à critica e repensa os modelos que fundamentavam a sua existência. Também questiona a escrita histórica da arte que até então visa forçar a inovação e a legitimação dos objetos de arte.

Entende-se ainda que a pós-modernidade era o momento em que o artista estava inserido. As discussões teóricas da história, que apresentam a necessidade de fim das grandes-narrativas e questiona as postulações de verdade impregnadas pelos discursos, são debates comuns à época. Estes parecem ter exercido influência na percepção de fim da história da arte trabalhada por Hervé Fischer.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANTON, K. **Do Moderno ao Contemporâneo**. Coleção temas da Arte Contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009a.
- COELHO, T. **Moderno Pós Moderno: modos e versões**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- CONNOR, S. **Cultura Pós-Moderna: Introdução às teorias do contemporâneo**. Edições Loyola: São Paulo, 2004.
- DANTO, A. C. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da História**. São Paulo: Odisseus/Edusp, 2006.
- FISCHER, H. **L'Histoire de l'art est terminée**. Paris: Baland, 1981. Disponível em:
http://classiques.uqac.ca/contemporains/fischer_herve/histoire_art_terminee/histoire_art_terminee.pdf. Acesso em: 01/12/2014.
- BELTING, H. **O Fim da História da Arte**. Uma revisão dez anos depois. São Paulo: CosacNaif, 2006.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 23ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HEARTNEY, E. **Pós-Modernismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- KERN, M. L. B. **Historiografia da arte: mudanças epistemológicas contemporâneas**. 16º Encontro Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas -

ANPAP. Florianópolis, 2007. Disponível em:
<http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/038.pdf> (acesso em
28/12/2013).

VASCONCELOS, J. A. **Quem tem medo de teoria?**: a ameaça do pós-modernismo na historiografia americana. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

ZIMMERMANN, B. e WERNER, M. **Pensar a História Cruzada**: entre empiria e reflexividade. Textos de História, vol. 11, n. 1-2, pg. 38-127, 2003.